

DIREITO À CIDADE EM UM CONTEXTO DE CAPITALISMO GLOBAL ENTREVISTA COM DAVID HARVEY¹

I – O ENTREVISTADO

David Harvey é um geógrafo britânico nascido em 1935. Formado pela Universidade de Cambridge, atualmente é professor da Universidade da Cidade de Nova York. De orientação marxista, Harvey é um dos principais nomes da Geografia contemporânea, tendo, inclusive, sido agraciado em 1995 com o Prêmio Vautrin Lud, o Nobel da Geografia.

Entre as obras de David Harvey mais famosas e difundidas, destacam-se: *A Justiça Social e a Cidade, Condição Pós-Moderna, Espaços de Esperança, A Produção Capitalista do Espaço e Os limites do Capital*.

No dia 07 de março de 2016, em passagem pela cidade do Rio de Janeiro para uma série de conferências no curso “Cidades Rebeldes e Espaços de Esperança”, iniciativa do projeto “Se a cidade fosse nossa”, Harvey concedeu para pesquisadores e estudantes de Direito, com exclusividade, a entrevista abaixo, na qual trata de questões pertinentes ao direito à cidade em um contexto de capitalismo global, o qual transforma espaços de convívio público em fonte de especulação do capital sem qualquer compromisso com a efetivação de direitos básicos.

II – A ENTREVISTA

1 - Quais devem ser as pautas prioritárias para a articulação entre universidade e população na construção de uma alternativa ao modelo de cidade global capitalista a partir do espaço restrito de um município?

Na minha visão, toda a política deve começar por uma questão local, uma política local. É nesse nível que as pessoas vivem o cotidiano de dias e efeitos da política do cotidiano

¹ Áudio e transcrição da entrevista gentilmente concedidos por Gizele Martins, que é jornalista e comunicadora comunitária da Maré, além de integrante do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC).

e é a partir deste cotidiano que você consegue enfrentar essas questões e começa a dar sentido para essas pessoas. Minha inspiração de todos os lugares sempre vem do manifesto comunista.

Quando Marx e Engels falam da maneira como o descontentamento e o ativismo político podem ser articulados. Começa como um indivíduo alienado que está alienado da sua relação com a política, com a natureza, e começa com esse descontentamento individual com essa vida alienada e é a partir daí que ele começa.

Quando esses indivíduos se encontram numa fábrica, ele passa a ter uma alienação não mais individual, mas uma alienação coletiva. Quando eles começam a entrar em contato com as outras pessoas nas suas regiões, começam a perceber que há uma alienação comum que abarca uma região inteira como um todo. Você então começa as possibilidades de organização tanto nas fábricas, quanto no seu território. Diferentes regiões entram em contato com outras regiões, de repente começa uma organização nacional. No final, é quando todos os trabalhadores do mundo ‘Uni-vos’! Esse é um esquema que está lá no manifesto comunista.

Ele sugere que há diferentes níveis em que a alienação é compreendida, diferentes níveis sobre o qual você pode agir nele. Esse esquema me ajudou muito a pensar e a entender como as questões podem conectar do nível individual, pessoal, do nível punitivo, do nível local e do nível regional, nacional e internacional, assim por diante. Eu, pessoalmente teria uma opinião mais complicada desta história.

Eu acho que, no sentido geral, a grosso modo, esta seria mais ou menos a forma de pensar que eu teria. E o que é interessante nisso é que você vê que determinadas coisas podem estar invisíveis no nível pessoal, individual, se tornam mais visíveis em um outro nível, coisas como, por exemplo, o capitalismo. O síndico, ou seja lá quem for que esteja te oprimindo.

Você não vê isso sistematicamente até você entrar dentro da fábrica, você também não entende tudo o que está acontecendo na fábrica quando você não leva em conta as forças globais, movimentos globais. A própria experiência na fábrica não consegue te explicar a dominação, a prevalência do capital financeiro sobre o capital industrial, por exemplo. Então você aprende coisas diferentes quando muda de escala. E a arte da política me parece ser possível criar um movimento que está conectado em todas escalas diferentes.

O que acontece na escala nacional é que a política fica articulada nessa escala nacional e, às vezes, ela esquece e perde o pé de relações com as suas raízes no nível pessoal. E é muito

comum você ver um movimento que parece muito ativo no cenário nacional, mas que ele acaba ficando oco por dentro quando ele não tem nenhuma capacidade de envolver os indivíduos nas questões pessoais que eles estão participando.

A gente tem que perceber de forma dialética como algo que sobe e desce as escalas, para cima e para baixo, tem que analisar de forma mais dialética essas diferentes escalas. É muito mais complexo do que isso parece ser. Mas de repente vocês podem aplicar isso um pouco do que está acontecendo aqui no caso do Rio de Janeiro, no que se refere às eleições.

Como é que a gente projeta uma política que pode fazer sentido para as pessoas que estão em áreas diferentes da cidade pensando a cidade como um todo? Isso também pode ser aplicado a nível nacional quando um partido como o PT se articula com as suas diferenças regionais e com a base que o suporta. A não ser que você consiga ter algum contato com o nível individual da alienação dos termos daquele indivíduo, você pode acabar perdendo alguém que caia para o fascismo. As pessoas alienadas tem muito ódio, muita raiva e ao mesmo tempo muita passividade, elas podem ir para um lado e podem ir para o outro. Isso é algo que a gente tem sempre que levar em consideração.

2 – Considerando a acentuação no processo de urbanização, sobretudo na Ásia e na China e o que isso significa quanto pressão por produção de commodities na América latina, como se dá hoje essa relação conflituosa do agronegócio e extrativismo para os povos do campo, como podemos pensar o direito à cidade? E o que você pensa sobre o bem viver boliviano?

No contexto da França antes de 1945, se podia acreditar que exista uma população urbana rigorosa que existe na capital e pobres do campo que viviam uma vida rural mais pobre.

No final da década de 60, percebe-se que essa distinção desaparece. Os camponeses, os pobres não viviam mais uma vida distinta, estavam se integrando com as cidades e viviam assistindo as mesmas televisões, ouvindo as mesmas rádios, os carros atravessavam as mesmas regiões. Toda a França estava se tornando urbana. Havia uma urbanização do camponês acontecendo. Você teve áreas do campo que começaram a ser integradas porque produziam os alimentos da cidade, o turismo começou a ir para o campo, enfim, tudo isso.

Em um contexto de capitalismo é que isto aconteceria em todas as partes do mundo, o processo de urbanização do campo. Existe uma literatura grande hoje em dia. É o que seria a “descamponezização”. Na China, por exemplo, muitos camponeses desapareceram, foram para cidade.

A pouca experiência que eu tenho no Brasil, eu diria que a existência de uma vida rural completamente desconectada, completamente distinta das vidas urbanas, é um mito hoje. A única situação em que isso é mais verdade é no caso das aldeias indígenas que estão cada vez mais isoladas.

Em vez de falar sobre o direito à cidade, para ser mais técnico, eu diria que o mundo é caracterizado por uma distribuição desigual da geografia, a organização geográfica. Inclusive o próprio conceito de cidade é desenhado com distinção do seu entorno, não é apropriado.

Mas é claro que ninguém vai para rua para lutar contra o direito a desigualdade geográfica distribuída na terra, o direito à cidade é mais fácil de falar e mobilizar as pessoas.

E a ideia da cidade como um futuro, é uma ideia antiga, é uma ideia utópica. Tem a ver com o direito à cidadania seja aonde for, então manteria a ideia do direito à cidade como uma visão política. Ao mesmo tempo dizendo que o mundo como um todo está cada vez mais urbanizado, e a cidade como um espaço distinto desapareceu. Essa foi a posição política que eu decidi tomar.

Por isso, quando tento conectar a ideia do direito à cidade, quando escrevo sobre o direito à cidade e a revolução urbana, porque uma urbanização revolucionária é algo que toca em tudo e não seria algo confinado apenas a um lugar chamado cidade.

Se for para pensar no caso do Equador, onde tem uma cidade grande conectada com várias subvilas. Na Bolívia também, se tem isso em várias partes do mundo, a gente tem cidades conectadas com sistemas urbanos e assim por diante.

A questão é que eles começam a pegar um conceito indígena, mas num contexto completamente urbano, mas que não significa muita coisa na concretude. Com o crescimento da classe média no Equador, que acham que viver é ter um carro, ter uma casa no subúrbio, um shopping center para ele, cada um tem a sua visão do que é bem viver.

Não tenho visto nenhuma tentativa real, efetiva, potente de fazer um panorama nacionalista, por exemplo. Você não pode ensinar determinado idioma em várias nas escolas, nas tribos indígenas. Tem falas na constituição sobre o direito à natureza, eu não gosto dessa

ideia, mas é claro que eles estão extraindo óleo, e o preço do petróleo está lá embaixo, não estão ganhando dinheiro nenhum com isso. Esses movimentos foram movimentos de rede de distribuição. Sem dúvida, a riqueza do petróleo foi redistribuída no Equador, na Bolívia.

De certa forma neste país, o bolsa família também redistribuiu riqueza, mas como Marx já disse, se não tomar mão da produção, você vai manter o capital intocável. Com a queda do petróleo, isto significa uma queda econômica nestes países incrível e estavam bem até dois anos atrás.

3 – A gente tem essa pauta do direito à cidade no Rio, tem esse movimento no Rio que se chama ‘Se a cidade fosse nossa!’ e que tem uma dimensão importante, é uma forma de contagiar as pessoas com a ideia de lutar pela cidade. Mas minha preocupação é um pouco com a ideia de que a cidade já é nossa, e aí, a partir disso, a importância das resistências. Exemplo é o caso da comunidade da Vila Autódromo, que é um lugar que reúne diversas práticas criativas e contra hegemônicas de resistência. Queria saber a sua opinião dessa junção dos coletivos entre universidade e essas lutas, e a própria resistência dessas pessoas que estão ali lutando pelo básico, a terra, e falar da importância delas quando elas atingem outras dimensões.

Quando você vai saindo de uma escala para a outra, a gente tem isso como uma transformação de perspectiva, para isso a gente precisa de uma certa orientação. Esse é o momento onde eu acho que as pessoas com produção acadêmica podem participar, pode se envolver e contribuir porque tem um tempo disponível de pensar sobre certos assuntos.

Existe um processo pedagógico de compreensão, de aprendizado que faz com que você consiga entender como um movimento que está numa escala local, consegue ir para uma escala mais ampla e atingir um outro nível. Você tem que reconhecer, por exemplo, as experiências locais, que determinados limites são impostos por legislações nacionais, por exemplo, que são parte do problema local que a pessoa está vivendo. Ali é uma coisa abstrata, ela não existe em lugar nenhum, é uma coisa que fica sem lugar e que pode ser aplicada em certos lugares e de formas diferentes e exatamente por isso, às vezes, ela precisa ser alterada.

Tenho dificuldade de pensar, não conheço movimentos de grande porte, que de alguma medida se associaram ou se articularam com pessoas ligadas a conhecimentos de alto nível técnicos, para poder traduzir em termos técnicos com aquilo que eles querem que seja feito.

Tem muitos estudantes meus que foram terríveis nesse sentido, eles estavam muito mais interessados em trabalhar com os movimentos sociais, eles acabaram virando militantes de movimentos sociais. Fizeram trabalhos fantásticos. Como acadêmico eu sempre incentivei isso.

Acho que isso é importante porque tem pessoas com técnicas diferentes que podem ser muito importantes para ajudar tecnicamente o movimento, mas não para dirigir o movimento.

Pessoas jovens saindo da universidade e a perspectiva de trabalho é muito ruim, então as pessoas acabam trabalhando em ONG's. Trabalham com uma carreira, e fazem uma boa atuação, fazem um bom trabalho na sua carreira e acabam virando depois mais um caminho próprio, do que algo para alimentar e reanimar os movimentos sociais.

ONG's não vão fazer a revolução porque em muitas as situações, elas acabam virando substitutas de políticas que seriam do Estado, do poder público. Elas privatizam as ações do estado de bem estar social, isso gera toda uma cooptação do mundo das ONG's.

Conheço várias pessoas do mundo das ONG's que são extremamente radicais nos seus trabalhos, e são sempre constrangidos ou limitadas pelos limites impostos pelos donos das suas ONG's.

Não sei quantas vezes já conversei com essas pessoas ligadas a ONG's que chegam pra mim e falam assim: a ideia é fantástica, muito boa mesmo, mas eu acho que os doadores da nossa ONG não vão aceitar. Não estou dizendo que quem trabalha na ONG é má pessoa, muitas pessoas entram por boas razões, eu acho que isso é razoável, mas ao mesmo tempo é muito limitado e é muito dominado pela cooptação de certa forma, tem exceções, mas eu acho que o mundo das ONG's é parte dos problemas que a gente tem hoje politicamente.

4 – Você aponta o fracasso das políticas habitacionais que se limitam a conceder o direito de propriedade a indivíduos em situação do déficit habitacional. Qual forma de habitação você entende como alternativas ao modelo hegemônico e que seja passível de manter o indivíduo na cidade?

O fracasso da propriedade, do poder de propriedade privada, é documentado razoavelmente sobre os seus fracassos. Se você dá um direito de propriedade para alguém que não tem poupança ou rendimento, ela está sempre sob pressão de entregar esse direito de propriedade e poder pegar o dinheiro e tentar sobreviver melhor. Então permite que qualquer empreendedor capitalista consiga comprar terrenos a baixo preço de forma fácil.

Exemplo são os programas de habitação social, a privatização das moradias sociais no período da XX, que fez com que todas as moradias nas áreas nobres ficassem gentrificadas. Então as pessoas pobres de Londres não conseguem mais viver nas áreas mais nobres, ou eles vivem em condições terríveis mais perto das regiões centrais ou eles vivem milhas e milhas de distância.

Isso se dá porque quando você dá a propriedade privada para pessoas com baixa renda, elas sofrem todo o tipo de problemas que ocorrem no dia a dia e em algum momento alguém oferece um dinheiro, oferece uns 600 mil e a pessoa fala: Estou rico, e cinco anos depois elas estão sem casa, morando na rua.

Durante o programa no Peru, que foi organizado por um cara chamado Fernando Solto, que vira um livro famoso chamado *O mistério do capita*, ele argumentou que a razão das crises econômicas era o fracasso em entregar o direito de propriedade a estas pessoas que vivem nessas comunidades. Eu tive que dizer para ele, numa reunião que eu estava junto em Nova Iorque, que a revolução industrial na Inglaterra aconteceu com cerca de 75% do terreno da superfície na Inglaterra sendo de propriedade da rainha, da coroa, da igreja, de universidades e das 25 famílias mais ricas.

No Peru, cerca de um milhão de pessoas deram grito de propriedade legalizados, pesquisas subsequentes mostram que isso absolutamente não teve menor impacto. Existem várias alternativas, eu não sei qual a situação legal aqui do Brasil, mas em Nova Iorque, por exemplo, se tem várias alternativas. Tem fundo de posse alternativo, fundo comunitário, fundo de posse coletiva, fundo de cooperativas de posse, ou cooperativas habitacionais onde se limita a compra e venda.

Tem uma política fantástica no Uruguai de habitação social, eu acho que se fosse um modelo, este seria o do Uruguai. As pessoas podem ganhar a casa pelo seu próprio trabalho. Ou você paga para ter a casa ou trabalha 15 horas por semana ajudando a construir a casa, você constrói a própria casa construída colaborativamente, com a assistência técnica do Estado,

assistência também não só no desenho, na arquitetura, mas também de organização da terra. Nesse sistema é sempre importante ter a participação de governos locais na aquisição, na compra dos terrenos.

Na década de 70, em várias cidades dos EUA, essas cooperativas habitacionais, que limitam a compra em venda do terreno, foram muito populares nos EUA durante a década de 70. Os diferentes países vão ter liberdade, possibilidades legais distintas de acordo com a sua estrutura constitucional também. As pessoas não conhecem essas alternativas. Estudo isso e só há pouco que fui conhecer essa ideia de cooperativas habitacionais coletivas.

5 – (...)

Durante toda a minha carreira gastei muito tempo tentando arguir contra um certo argumento marxista de que tudo se resume no que acontece no nível da produção. Marx estava arguindo contra uma tese prevalecente daquela esfera socialista da Inglaterra. Você não pode fazer, segundo esses socialistas britânicos, nada em relação a produção, isso é dado, você pode na melhor das hipóteses é mudar a distribuição das coisas para alterar.

Marx então se preocupou bastante em mostrar que é muito importante, muito significativo, transformar o modo de produção, mais do que apenas o modo de distribuição, pois este não seria suficiente. Teoricamente, ele toca nesse assunto no volume 1 da obra *O capital*, a questão da produção.

Mas ele também destacou que a mercadoria não consegue produzir o valor apenas na produção, ela tem que entrar no mercado e ser vendida. Então ele falou sobre a unidade contraditória entre a produção e a realização do capital. Ele deixou essa contradição de lado quando ele escreveu o volume 1 da obra *O Capital*. Ele tratou da realização do capital no volume 2 da obra *O Capital*. O volume 2 ficou incompleto e quase inteligível, quase ninguém lê esse volume 2, ninguém entende a unidade contraditória entre a produção e realização.

O espaço urbano é o espaço privilegiado, primário mais recente da realização do capital, se você ver meu trabalho, você vai ver que trabalho o volume 1 e 2 da obra *O capital*, porque é ali que as perguntas sobre realização são claramente colocadas. Assim como as outras coisas decisivas que ajudam a entender como funcionam a dinâmica dos espaços temporais.

É aí que você vai ver em Marx o debate sobre o trabalho do tempo e espaço, e que ele vai na condição pós moderna, ele fala de compreensão de espaço e tempo. Então pensando na questão da organização, tem que trabalhar com a política da luta pela realização. Por exemplo, a luta em torno da extração de valor feita a partir dos alugueis.

A luta incessante entre os donos de propriedade e pessoas que alugam. Esses tipos de lutas são muito significantes na nossa sociedade. Você pode ver todas essas lutas em situações como gentrificação, como remoções, em vários os temas similares que atravessam o cenário urbano.

Então as lutas sobre os temas desse tipo são muito importantes, mas dá também um outro problema, que é a maneira como os marxistas tradicionalmente pensaram o sistema de produção, normalmente o que acontece é que as pessoas tem uma imagem da fábrica, e o trabalho da fábrica. Marx escreveu sobre isso de forma brilhante, e a fábrica sempre foi o centro da divisão política.

Mas desde a década de 70, muitas das fábricas desapareceram, especialmente nos países mais desenvolvidos. Foram reduzidas devidos a mudanças de tecnologia e a mecanização do trabalho. (...) As únicas pessoas com quem era possível conversar eram os padres das igrejas, você tinha uma aliança interreligiosa de igrejas que conseguia articular redes de comunicação com as pessoas para promover qualquer tipo de resistência.

Mas isso significa que não tem produção na cidade? A resposta é não, tem muita produção acontecendo na cidade, por exemplo, o Mc Donald's, a gente pensa trabalhadores como aqueles que fazem carros, porque que aqueles que são considerados trabalhadores e quem faz hambúrgueres não são? Os produtores de hambúrgueres são parte do proletariado.

Os maiores empregadores dos EUA não são mais a Ford, entre outras produtoras de aço, hoje são Mc Donald's, Walmart, KFC. Tanto o Mc Donald's quanto o KFC estão produzindo valor, então tem muita produção acontecendo na cidade. Todos os restaurantes de lá estão produzindo valor. É muito trabalho intenso, muitas pessoas são empregadas nessa rede.

Mas as relações sociais envolvidas são muito complicadas. Se eu chegar no restaurante familiar de Nova Iorque e acusar o dono de explorar o trabalho de imigrantes ilegais, ele vai responder: "Eu chego aqui às 6h da manhã e saio meia noite. Eu me exploro mais do que exploro os trabalhadores informais, ilegais." Então cadê todo o valor que você produz, o excesso de valor que você produz? É para o banco, que eu devo, juros, empréstimos, e vai para o

proprietário do prédio que fica com o aluguel. Isso aconteceu com donos de restaurante que eu conheço, o aluguel aumentou 25% no último ano. O nível de exploração está indo no processo de realização do capital. Ai vem a questão para a esquerda: como organizar os trabalhadores numa conjuntura como esta? Meu argumento é de que é quase impossível organizar o trabalhador no lugar do trabalho, em quase todos os casos é mais fácil organizar no lugar de residência, não no lugar de trabalho.

Em 1919, Gramsci fez uma observação importante sobre isso, a gente é muito bom de organizar as fábricas, então a gente tem um conceitos de fábricas. É preciso ser suprimido por organizações de bairro. Porque no bairro a gente vai ter mais noção de elementos e de diversos fatores que estão acontecendo na classe trabalhadora como um todo do que numa fábrica específica.

A gente pode incluir na classe trabalhadora: garis, donos de restaurante etc. Infelizmente Gramsci nunca desenvolveu isso muito. Mas no período que ele escreveu isso, existia conselhos de fábricas e eram pontos muito importantes de mobilização. Paralelo a ela tinham uma espécie de casas do povo, que eram organizações de bairros que articulavam as pessoas por territórios.

É claro que você tinha uma mudança de diferença até de gênero, quem é que organizava os conselhos de fábrica e quem organizava as casas do povo. E as casas do povo apoiavam as lutas da fábrica, os conselhos de fábricas.

Tende a ser verdade que nas lutas de grupos de sindicatos e grupos organizados a nível do trabalho, essas lutas tem sucesso quando elas tem apoio massivo de grupos organizados por territórios, por bairros, por comunidade. Eu acho que a organização da esquerda tem que reconhecer isso. Infelizmente a história da organização da classe trabalhadora tende a não reconhecer tanto a importância da organização comunitária, territorial.

Isso pode ser em parte, talvez, devido a diferença de gênero, mas tem a ver também com o foco demasiado que a tradição marxista deu no âmbito da produção em contradição da realização para poder pensar as lutas.

6 – (...)

No Uruguai, muito das políticas de moradia foram feitas na solidariedade desenvolvida no trabalho. Na Inglaterra, os sindicatos trabalharam muito para conseguir ter o debate da moradia avançada, moradia digna para as pessoas. Então manter as duas coisas conectadas significa bastante.

7 – (...)

O princípio do direito à cidade é o direito de se divertir, eu gosto do documentário do Lenin, que diz que a revolução é a festa do povo. A gente sempre vai ter um lado de possibilidades interessante. Mas acho que as autoridades sacam isso muito bem e estão sempre aí para tentar reprimir ou cooptar. Isso aconteceu muito com o Carnaval aqui. Durante a Ditadura Militar foi reorganizado o Carnaval, foi constrangido.

Em outros movimentos, muitas das lideranças não vieram da classe trabalhadora tradicional. Mas numa linha de produtores culturais. Estavam pensando em formas alternativas de sobreviver, formas de estruturas sociais. (...) Era exatamente a diversidade de temas diferentes que foram se juntando em torno da questão inicial do tema, onde mostrou a multiplicidade, a diversidade dos temas.

E mesmo que o movimento possa desaparecer, ele deixa uma memória local, uma memória cultural, e deixa uma série de possibilidades discursivas que não existiam antes e que agora passam a continuar existindo.

No caso dos EUA, tem muito a ver com o legado cultural que surgiu depois do Occupy Wall Street, em 2011.

Acho que uma das coisas próprias desse tempo que a gente vive, porque para as pessoas da sua idade agora as possibilidades de emprego são muito baixas, muito pequenas. Muitas pessoas com esse conhecimento com educação superior ficam sem perspectiva de trabalho razoável. Então você acaba tendo ilhas não alienadas dentro de um mar de alienação de consumo capitalista.

Essas pessoas podem se unir de alguma forma e em algum momento mostrar ‘que estamos aí’, alguma outra versão como o Occupy pode acontecer. Outra coisa em relação a isso

é que esses movimentos são muitos instáveis. Parece que surgem e depois desaparecem. A gente nunca sabe quando vai explodir. Esse é o mundo que parece que a gente está vivendo. O que torna muito difícil prever o que vai acontecer em um ano, pode acontecer amanhã.

8 – (...)

O que você está dizendo é verdade praticamente em todas as partes, porque a militarização do controle do Estado é muito forte. O que faz com que ações diretas de rua sejam muito difíceis. As paredes não são aquelas criadas apenas pelo Estado, você vê em comunidades inteiras, os condomínios inteiros murados.

Mas de certa forma isso cria um argumento para discutir sobre o direito à cidade. Uma das coisas que a gente perdeu foi exatamente a sociabilidade. A liberdade de interação atravessando as diferenças.

A gente perdeu muitos dos espaços públicos comuns. Acho exemplar que o movimento Occupy ficou procurando espaços públicos para poder ocupar e não conseguiu achar. Tinha um outro que era organizado pela cidade de Londres e conseguiu as escadarias de uma igreja porque o bispo não queria expulsar eles. Tem que confrontar isso.

Mas retoricamente, a gente pode inclusive perguntar para as pessoas se elas querem viver nessa cidade com câmeras, tudo vigiado.